PERIPHERAL CREA-TIVI-TIES

INTERNATIONAL CONFERENCE

YOUTH, TERRITORY AND PUBLIC POLICY

CRIATIVIDADES PERIFÉRICAS

JUVENTUDES, TERRITÓRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

30 31 JAN 2025

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
ANFITEATRO NOBRE
E
CASA DAS GLICÍNIAS

PERI CREATIVITY

https://pericreativity.iscte-iul.pt

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia · iscte · cies iscte Centro de Investigação e Estudos de Sociologia · U.PORTO FLUP Faculdade de Letras Universidade do Porto · IS Instituto de Sociologia U.PORTO · NOVA Universidade Nova de Lisboa · CICS.NOVA · NOVA FCSH · inet · Caixa Geral de Depósitos

PROGRAMA

30 JAN 2025

CRIATIVIDADES PERIFÉRICAS: JUVENTUDES, TERRITÓRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO - ANFITEATRO NOBRE

9h00 – 9h30 Welcome Coffee

9h30 – 10h30 Criatividades Periféricas: Juventude, Arte e Políticas Públicas em Territórios Segregados
Otávio Raposo, Lígia Ferro e Pedro Varela

10h30 – 11h00 Coffee-break

11h00 – 12h30 **Conferência de Abertura**

Não somos do deserto: A participação cívica e política de jovens nos seus próprios termos

Isabel Menezes, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Mecanismos de resiliencia de las mujeres en barrios vulnerables de Madrid

Victoria M. Goméz, Universidad Carlos III de Madrid

Moderação: Lígia Ferro, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PROGRAMA **30JAN2025** *ANFITEATRO NOBRE*

12h30 – 14h00 Pausa para almoço

14h00 – 16h00 **Que políticas públicas para a juventude?**

Políticas públicas para jovens em territórios periféricos: os casos do Escolhas e do TEIP

Pedro Abrantes, Universidade Aberta

A escola vivida por jovens de territórios urbanos segregados

Teresa Seabra, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

*P*olíticas públicas para a Juventude no IPDJ: o exemplo dos programas sociais

Francisco Neves, Instituto Português do Desporto e Juventude

Visibilidades e ocultações: o uso do pensamento interseccional para estudar "juventudes periféricas"

João Teixeira Lopes, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Moderação: Otávio Raposo, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

16h00 – 16h30 Coffee-break

PROGRAMA **30JAN2025** *ANFITEATRO NOBRE*

16h30 – 18h00 **Juventudes criativas na contemporaneidade**

Da periferia ao centro: o encontro artístico entre os adolescentes da Escola Artallis e a Orquestra Gulbenkian para criar o espetáculo "Sons de uma Revolução"

Alix Didier Sarrouy, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Práticas artísticas e criativas como forma de participação e cidadania

Ricardo Campos, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Visualidades periféricas: metodologias democráticas na aproximação às culturas de participação juvenil e na ativação de agência política

Carla Malafaia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Institucionalização insurgente: produção estética juvenil periférica em São Paulo

Alexandre Barbosa Pereira, Universidade Federal de São Paulo

Moderação: Pedro Varela, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

18h00 **Projeção de curtas de co-criação**

Apresentação e exibição das curtas metragens em co-criação (Lisboa e Porto)

Ângela Rodrigues, Ag. Escolas Matilde Rosa Araújo

Pedro Diniz, Projeto E9G “Take.it”

PROGRAMA

31 JAN 2025

CRIATIVIDADES PERIFÉRICAS: JUVENTUDES, TERRITÓRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO - ANFITEATRO NOBRE
BAIRRO ENG. MACHADO VAZ - CASA DAS GLICÍNIAS

9h30 – 10h00 Welcome Coffee

10h00 – 12h00 **Dinâmicas de segregação em territórios urbanos: abordagens teóricas e implicações políticas**

Programa Especial de Realojamento em Cascais. Bairros e Moradores

Rita Cachado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Segregação urbana e ação política: implicações teóricas e práticas equacionadas a partir de um exercício de análise sociológica sobre a cidade do Porto

Virgílio Borges Pereira, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

"Livre no mundo". Notas sobre tremor e imaginação do rap no túnel

Gabriela Leal, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Título a definir

António Brito Guterres, Instituto de Intervenção e Acção Urbana e Dinâmia'CET

Moderação: Lígia Ferro (FLUP)

12h00 – 13h00 Pausa para almoço

PROGRAMA **31JAN2025** *CASA DAS GLICÍNIAS*

13h00 – 14h00 **PERCURSO ATÉ CASA DAS GLICÍNIAS**
Bairro Eng. Machado Vaz, Contumil

14h00 – 15h45 **Mesa Redonda - Participação Juvenil: Experiências e desafios**

Ana Rita Lopes, Projeto E9G "Entre-Ruas"

Bruno Prudêncio, Espaço T "Equipa de Mediadores Municipais e Interculturais"

Leonor Medon, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Luís Maia, Projeto E9G "Na Praça!"

Madalena Silva, Ag. Escolas Ibn Mucana

Carlos Varela, Projeto E9G "Take.it"

Moderação: Liliana Moreira

15h45 – 16h00 **Receção à Casa das Glicínias**

Joana Martins, Projeto E9G "Sinergi@s"

16h00 – 16h30 Coffee-break

16h30 – 18h00 **Oficina de Recomendações: Políticas públicas para a Juventude**

Dinamização:

Lígia Ferro, Beatriz Lacerda - Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Otávio Raposo, Pedro Varela, Mateus Sadock e Rita Cachado - Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Com participação de jovens de Projetos E9g

18h00 – 18h30 **Encerramento**
Otávio Raposo e Lígia Ferro

ENTRADA LIVRE.
SUJEITA A INSCRIÇÃO
AQUI.

CRIATIVIDADES PERIFÉRICAS

JUVENTUDES, TERRITÓRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

30/31-JAN-2025

LIVRO DE RESUMOS

LIVRO DE RESUMOS

9H30-10H30

Criatividades Periféricas: Juventude, Arte e Políticas Públicas em Territórios Segregados

Otávio Raposo, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa
Lígia Ferro, Faculdade de Letras da universidade do Porto
Pedro Varela, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

PERICRIATIVITY visa compreender a criatividade dos jovens de territórios segregados nas duas maiores cidades portuguesas - Lisboa e Porto. É um projeto que busca aprofundar o conhecimento sobre a dinâmica criativa e artística destes jovens, em articulação com a análise das políticas públicas de inclusão social a eles dirigida. O objetivo é proporcionar novas perspectivas interseccionais e participativas que favoreçam a emancipação social e o combate à marginalização social dos jovens. PERICREATIVITY é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, e coordenado por Otávio Raposo - Instituto Universitário de Lisboa (CIES / ISCTE-IUL) e Lígia Ferro - Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP / FLUP)..

OTÁVIO RAPOSO é pesquisador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia e professor auxiliar convidado do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, onde concluiu o doutoramento em antropologia. Foi pesquisador visitante nos Estados Unidos da América (Brown University e University of Massachusetts Boston) e no Brasil (UFRJ e USP). É autor e editor de várias publicações internacionais nas áreas dos estudos urbanos, culturas juvenis, arte, diáspora africana, segregação e racismo, tendo como abordagem principal a etnografia. Atualmente pesquisa as práticas artísticas dos jovens das periferias de Lisboa e Porto, bem como as políticas públicas a eles dirigidas, coordenando o projeto "Criatividades Periféricas". Realizou diversos documentários, entre os quais "Na Quinta com Kally", vencedor do Prémio APA (2019) na categoria filme etnográfico.

LÍGIA FERRO é professora auxiliar do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Recebeu o título de Doutoramento Europeu do Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE-IUL (2011). Foi investigadora visitante em várias universidades da Europa, Estados Unidos da América e Brasil. Lígia Ferro foi eleita Presidente da Associação Europeia de Sociologia (ESA) em 2021 e é membro da direção da Rede Europeia de Observatórios no Campo das Artes e da Educação Cultural- ENO. É autora e editora de várias publicações em português, inglês, espanhol e francês. Ultimamente, ela tem trabalhado sobre práticas culturais, educação artística, migrações e investigação-ação, especialmente em contextos urbanos e a partir de uma perspetiva etnográfica.

PEDRO VARELA é atualmente investigador integrado do Cies-iscte (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia - Instituto Universitário de Lisboa) e bolseiro doutorado do projeto Pericreativity. Realizou o seu doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra no programa de Direitos Humanos nas Sociedades Contemporâneas; fez o mestrado em Antropologia no Iscte -Instituto Universitário de Lisboa; e licenciou-se em Arquitetura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia - Universidade de Lisboa. Tem desenvolvido pesquisa e trabalho de campo sobre conservação comunitária, agricultura urbana, políticas públicas contra o racismo, história do movimento antirracista, circuitos musicais e rap. Foi também investigador júnior no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

CONFERÊNCIA DE ABERTURA 1/2 — 11H00-12H30

Não somos do deserto: A participação cívica e política de jovens nos seus próprios termos

Isabel Menezes, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Nas últimas décadas, a retórica sobre a participação cívica e política de jovens oscila entre ideias de déficit e de excesso. Por um lado, sublinha-se o que está (supostamente) em falta: o apego ao sistema político, o envolvimento com a vida pública, a disposição para a participação; por outro, destaca-se o que estará (eventualmente) a mais: a emocionalidade, a radicalização, a digitalização. É interessante como, nesta discussão, o ónus da responsabilidade tende a ser colocado nos indivíduos ou, quando muito, nas instituições educativas, mas raramente no funcionamento dos próprios sistemas políticos contemporâneos - apesar das críticas de que vivemos em pós-democracia (Crouch, 2000) ou de que trocamos os direitos de cidadania autónoma pela proteção e segurança do Estado em regimes neuro-liberais em que somos cidadãos tutelados e neuróticos (Isin, 2004).
Nesta apresentação, retomarei os achados da investigação que temos conduzido com jovens nos últimos 15 anos, para tentar chegar aos sentidos - nos seus termos, não nos nossos - da participação cívica e política. Assumo aqui o pressuposto, como Arendt, de que "não somos do deserto" e que a política é esse espaço nuclear de autopoiese individual e coletiva onde interagimos como humanos, diferentes mas radicalmente iguais.

ISABEL MENEZES é licenciada e doutorada em Psicologia e agregada em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, onde é Professora Catedrática no Departamento de Ciências da Educação. É investigadora e diretora (2020-...) do CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas. Tem vasta experiência letiva ao nível das Metodologias de Investigação e de Intervenção Educativas, Educação para a Cidadania, Educação Política e Psicologia Política. Integra a comissão científica do Programa Doutoral em Ciências da Educação (DPE-UP) e do Mestrado em Educação e Formação de Adultos. É atualmente presidente do Conselho Científico da FPCEUP integrou o Senado (2020-24) e o Conselho Geral (2009-17) da U.Porto. É sócia fundadora da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE), e preside à sua direção desde outubro de 2017. Tem dirigido investigação no domínio da participação cívica e política de crianças, jovens e adultos, atendendo à forma como estas experiências podem ter um papel no empoderamento de grupos em risco de exclusão em função do género, da orientação sexual, da literacia, do estatuto de imigrante, da incapacidade e da doença crónica. Coordenou vários projetos inter/nacionais; atualmente cocoordena a equipa portuguesa do projeto Horizon SINCRONY que se foca na inclusão de jovens em situação de desvantagem social e marginalização em processos deliberativos e participativos. É corresponsável pela Cátedra de Educação para a Cidadania/Global da Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e do CIIE, formalizada em setembro de 2022, primeira Cátedra nesta área em Portugal.

CONFERÊNCIA DE ABERTURA 2/2 — 11H00-12H30

Mecanismos de resiliencia de las mujeres en barrios vulnerables de Madrid

Victoria M. Goméz, Universidad Carlos III de Madrid

En el contexto de un conjunto de barrios considerados vulnerables, la investigación explora el impacto de la vulnerabilidad en las mujeres que allí habitan (mayores, jóvenes y adultas con niños a su cargo) y examina sus vínculos y dinámicas relacionales como herramienta de resiliencia social. Se parte de la idea de que en entornos vulnerables periféricos donde las redes institucionales ofrecen recursos limitados para dar respuesta a las necesidades de los residentes, las redes locales juegan un papel fundamental para amortiguar la vulnerabilidad. Los resultados se basan en un trabajo empírico realizado en siete áreas ubicadas en cuatro barrios de la ciudad de Madrid y tres barrios de su periferia metropolitana.

M. VICTORIA GÓMEZ é Professora Titular de Sociologia na Universidade Carlos III e docente do Departamento de Análise Social em cursos de graduação e pós graduação. Tem um doutoramento em Sociologia pela Universidade de Stirling (Escócia) e um mestrado em Estudos de Planeamento Urbano pela Universidade de Oxford Brookes. Foi vice-decana de Sociologia na Universidade Carlos III e membro do comité coordenador da Rede Europeia de Investigação 37 (Sociologia Urbana) da ESA (Associação Europeia de Sociologia). Foi investigadora visitante na Universidade de Glasgow (Reino Unido), na Universidade de Jyväskylä (Finlândia) e na Università degli Studi di Bari (Itália). Publicou em prestigiadas revistas internacionais e participou em livros e conferências internacionais. Os seus actuais interesses de investigação incluem a pertença local, a vulnerabilidade, a sustentabilidade urbana e a dinâmica dos bairros.

QUE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE? 1/3 — 14H00-16H00

Políticas públicas para jovens em territórios periféricos: os casos do Escolhas e do TEIP

Pedro Abrantes, Universidade Aberta

Nesta comunicação, procurar-se-á apresentar os resultados de uma análise comparada dos Escolhas e Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, enquanto dois programas centrais da política pública desenvolvida pelo estado português, nas últimas três décadas, na relação com os jovens em territórios periféricos. Complementaridades, alianças, tensões e hiatos entre estes programas serão explorados. Procurar-se-á, com esta análise, refletir sobre os dois programas e efeitos combinados na (re)produção dos percursos dos jovens e dos próprios contextos sociais. A partir de uma bibliografia mais ampla, procuraremos inscrever este modelo de intervenção nas tendências internacionais de políticas públicas nesta área, não negligenciando especificidades do caso português.

A escola vivida por jovens de territórios urbanos segregados

Teresa Seabra, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Tendo por base o conhecimento produzido sobre a vivência da escolaridade por parte de crianças e jovens de condição social desfavorecida, pretende-se analisar alguma da informação disponível e, a partir daqui, explorar um conjunto de interrogações e de reflexões sobre os limites e as possibilidades de a escola potenciar o seu papel promotor da mobilidade social destas populações escolares que vivem em territórios urbanos segregados.

QUE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE? 2/3

14H00-16H00

Políticas públicas para a Juventude no IPDJ: o exemplo dos Programas Sociais

Francisco Neves, Instituto Português do Desporto e Juventude

Sob a responsabilidade do IPDJ e no âmbito do Departamento de Programas de Juventude, a intervenção incidirá sobre uma breve apresentação de três Programas Sociais destinados a crianças e jovens socioeconomicamente mais vulneráveis: Programa Escolhas, Programa Arribar e Medida Afirma-te Já - Programa Trajetos.

O Programa Escolhas é um programa governamental, de âmbito nacional, que iniciou a sua fase-piloto em 2001, estando atualmente na sua 9ª geração, com a duração de três anos, com términus em setembro de 2026. Tem como missão promover a inclusão e integração social de crianças e jovens, particularmente as provenientes de contextos de maior vulnerabilidade socioeconómica. A atual geração financia 118 projetos, a nível nacional, incluindo as Regiões Autónomas.

O Programa Arribar advém de uma experiência piloto realizada em três locais, entre 2021 e 2022, e pretende promover respostas integradas para a inclusão de jovens privados de liberdade. A candidatura foi aprovada pelo Programa Temático Demografia, Qualificações e Inclusão - PESSOAS 2030, no final de 2024, destinada a financiar 5 projetos com a duração de 36 meses para as Regiões do Norte, Centro e Alentejo.

A medida "Afirma-te Já", que consta do Programa Trajetos, terá como objetivo apoiar o desenvolvimento de projetos de intervenção local que visem a remoção de barreiras no acesso à educação, à formação profissional e ao emprego digno, por parte de jovens NEET, contribuindo, assim, para os objetivos da Garantia Jovem. Foi realizada uma candidatura ao PESSOAS 2030 para o financiamento de 14 projetos, com a duração máxima de 36 meses, para as Regiões do Norte, Centro e Alentejo.

Naturalmente que estes 3 Programas não esgotam os programas que o IPDJ tem implementados na área da Juventude. Simplesmente, o tempo que nos foi dado para a intervenção implicaria que nos focássemos em apenas alguns dos Programas, daí a nossa opção.

QUE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE? 3/3

14H00-16H00

Visibilidades e ocultações: o uso do pensamento interseccional para estudar "juventudes periféricas"

João Teixeira Lopes, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

O conceito de interseccionalidade, criado na década de 80 do século passado pela jurista afroamericana Kimberlé Williams Crenshaw, é um poderoso instrumento para pensar a cumulatividade das discriminações nas juventudes dos bairros periféricos. Na verdade, dimensões essenciais das relações de poder permanecem invisíveis quando o olhar analítico das ciências sociais ou o enfoque das políticas públicas privilegia lógicas unidimensionais, categoria a categoria, setor a setor. Como consequência, as grandes fraturas sociais são eventualmente expostas (classe, género, etnia), mas sob o risco de se criarem novos regimes de ocultação. A "ilusão da homogeneidade" patente, por exemplo, na imagem de "jovens racializados das periferias", não contribui para a elucidação dos problemas vividos pelas mulheres que se enquadram nessa categoria e que, em particular se forem pobres excluídas de algum grau de inserção no mercado de trabalho formal, não verão reconhecidas muitas das suas dificuldades. Além de jovens residentes nas periferias, elas são racializadas, mas, não raras vezes, a interlocução é feita através da semiótica da figura masculina. Ficam potencialmente de fora, assim, as questões da esfera privada, do abuso sexual, da violência doméstica, do trabalho reprodutivo não remunerado, da sobrecarga de tarefas e da subalternização no discurso e práticas de resistência. Ora, a interseccionalidade obriga-nos a procurar a complexidade das interações entre discriminações, resgatando o seu cariz interativo, cumulativo e sistémico, alargando o impacto de inclusão das políticas públicas.

JUVENTUDES CRIATIVAS NO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO 1/3

16H30-18H00

Da periferia ao centro: o encontro artístico entre os adolescentes da Escola Artallis e a Orquestra Gulbenkian para criar o espetáculo "Sons de uma Revolução"

Alix Didier Sarrouy, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Esta comunicação é baseada no trabalho de campo efetuado entre outubro 2023 e setembro 2024 sobre o projeto "Sons de uma Revolução". Juntou 50 alunos adolescentes da Escola de Música Artallis em Loures (zona de Unhos e Catujal) com a Orquestra Gulbenkian, sob a direção do diretor artístico grego Mikhail Karikis. Nesta equipa criativa também fizeram parte quatro compositores, um coreografo e um sociólogo das artes. O espetáculo final realizou-se com casa cheia no auditório principal da Fundação Calouste Gulbenkian em setembro 2024. O que importa aqui analisar e problematizar é o papel destes jovens na cocriação de um espetáculo ambicioso em torno da questão da Revolução (no contexto das celebrações dos 50 anos do 25 de abril) e das questões ligadas à urgência climática. Partilharei dados etnográficos sobre o processo de cocriação ao longo dos workshops mensais, nos quais o pensamento, a voz e os corpos dos alunos foram muito solicitados. De que forma se cria um "lugar seguro" para que haja esta partilha? Quais as tensões e reproduções culturais que podem surgir nestes contextos de suposta inclusão? Qual a relação entre processo de criação e resultado artístico final? Eis algumas das questões que serão discutidas com base na etnografia realizada e na literatura científica existente.

Práticas artísticas e criativas como forma de participação e cidadania

Ricardo Campos, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Esta comunicação surge como corolário de vários anos de pesquisa e de articulação de diversos projectos que articulam as temáticas da juventude, arte/criatividade e a participação cívica e política dos jovens. No fundo, pretende-se debater o papel que as expressões estéticas e o uso criativo de diferentes recursos tecnológicos e simbólicos desempenham ao nível das representações e práticas de cidadania. Partimos de uma noção ampla de cidadania, entendida como processo, enquanto forma de participação no mundo em busca de um sentido individual e colectivo, procurando garantir direitos e questionar o futuro dos mesmos. A arte e a criatividade podem desempenhar um papel fundamental neste âmbito, na medida em que se constituem como formas de comunicação de fundamental relevância para entender e questionar o mundo e, ao fazê-lo, para criar um sentido de pertença e comunidade, na partilha de códigos, práticas e temáticas.

JUVENTUDES CRIATIVAS NO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO 2/3

16H30-18H00

Visualidades periféricas: metodologias democráticas na aproximação às culturas de participação juvenil e na ativação de agência política

Carla Malafaia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

O encontro do visual é crescentemente inevitável quando abordamos processos políticos, sejam eleições ou protestos, processos de discriminação ou de pertença.nEmbora a sociologia visual chame a atenção, há décadas, para o papel da visualidade no estudo de fenómenos sociais, quando o predomínio do verbal/textual é contrariado, as imagens tendem a ser abordadas como meras ilustrações empíricas ou objetos de estudo desligados das práticas sociais que as tornam vivas. Com efeito, a produção, uso e circulação de imagens, bem como a (re)criação de artefactos visuais, são dimensões particularmente significativas entre grupos juvenis: nos modos como aprendem e dão sentido ao mundo, nos repertórios que empregam e constroem na sua ação política. A investigação educacional de natureza participatória tem partido da pluralidade de formatos e expressões juvenis, promovendo interfaces entre contextos de socialização com vista ao favorecimento de agência política, catalisada pelas experiências dos jovens nas suas comunidades e territórios. De facto, o campo da participação juvenil exige a reimaginação de formas de investigação que equilibrem relações de poder, ultrapassem processos toquenistas e confrontem estruturas adultocêntricas. A partir de 3 projetos de investigação e intervenção, discuto diferentes abordagens metodológicas que procuraram inaugurar lentes analíticas mais ajustadas às transformações das culturas de participação: i) processos etnográficos que flutuam entre o offline e online ativista, dotando de sensibilidade cultural análises de big data; ii) práticas e produções artísticas como ferramentas de educação política; iii) usos de materiais visuais em processos de co-criação liderados por jovens. Irei explorar a importância de afinarmos métodos que tornem visíveis reivindicações e urgências juvenis a partir das suas visualidades.

JUVENTUDES CRIATIVAS NO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO 3/3

16H30-18H00

Institucionalização insurgente: produção estética juvenil periférica em São Paulo

Alexandre Barbosa Pereira, Universidade Federal de São Paulo

A produção estética juvenil periférica em São Paulo sempre viveu o dilema entre a atuação independente e a sobrevivência por meio da articulação com agentes institucionais do Estado ou de ONGs. Esse foi o caso, por exemplo, do hip-hop, que, justamente por causa de seus posicionamentos políticos, tornou-se um movimento bastante incorporado nas políticas públicas para a juventude e em intervenções de ONGs. Esse processo ocorreu de forma mais intensa por conta da mobilização de agentes públicos mais situados à esquerda do espectro político. No entanto, outras manifestações mais transgressores da juventude periférica por muito tempo estiverem às margens desse processo e mesmo quando passaram a se articular com instâncias mais formais do Estado ou do mercado, essa integração nunca foi plena e sem conflitos. Esse é o caso, por exemplo, do pixo e do funk em São Paulo. Ambas as atividades, por motivos diferentes, foram durante muito tempo alijadas de ambientes mais institucionais voltados à arte ou à juventude na cidade. Porém, mais recentemente começaram a ter maior espaço tanto junto a iniciativas do poder público e de ONGs como no campo da arte. Porém, essa participação não foi isenta de polêmicas e mesmo de ações insurgentes promovidas pelos jovens. A proposta dessa comunicação é analisar esse processo de institucionalização insurgente, a partir da pesquisa de campo com os jovens do pixo e do funk e com alguns agentes institucionais na cidade de São Paulo.

DINÂMICAS DE SEGREGAÇÃO EM TERRITÓRIOS URBANOS: ABORDAGENS TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES POLÍTICAS 1/2

10H00-12H00

Programa Especial de Realojamento em Cascais. Bairros e Moradores

Rita Cachado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Nos estudos sobre habitação em Portugal em geral, e sobre habitação social em particular, o Programa Especial de Realojamento (PER) apresenta-se como a principal política de habitação após a Revolução dos Cravos em 1974. A legislação do PER data de 1993 e desde então até ao final dos anos 2000 realojou milhares de famílias, tendo deixado outras tantas por realojar. No contexto do município de Cascais, esta política de habitação teve a possibilidade de contar com um gabinete de apoio ao PER desde o início, com a participação de peritos das ciências sociais na área da habitação e por vezes é referido como um concelho exemplar na aplicação deste programa de habitação. Cascais é um dos municípios visados no projeto PERICRIATIVITY e uma parte da pesquisa qualitativa vem sendo desenvolvida em dois contextos residenciais onde o PER também teve presença e influenciou a vida de agregados familiares, nomeadamente no Bairro da Torre e Bairro Fim do Mundo. Nesta apresentação farei uma descrição histórica do PER no concelho visado, procurando aprofundar os dois contextos residenciais referidos e articulando com as recolhas de âmbito qualitativo que o projeto tem realizado.

Segregação urbana e ação política: implicações teóricas e práticas equacionadas a partir de um exercício de análise sociológica sobre a cidade do Porto

Virgílio Borges Pereira, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Tomando por referência uma experiência de investigação sociológica relativamente prolongada sobre as relações entre espaço social e espaço físico socialmente produzido e apropriado na cidade do Porto, a presente intervenção procura responder aos desafios colocados pelo tema de trabalho desta sessão focando, num primeiro momento, o significado sociológico das divisões no espaço social e da sua relação com o espaço físico; em articulação com tal enfoque, documenta-se, num segundo momento, o significado da política da habitação com fins sociais na estruturação quotidiana da relação entre abertura, fechamento e mobilidade socioespacial e o respectivo impacto na formação de grupos sociais.

DINÂMICAS DE SEGREGAÇÃO EM TERRITÓRIOS URBANOS: ABORDAGENS TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES POLÍTICAS 2/2

10H00-12H00

"Livre no mundo". Notas sobre tremor e imaginação do rap no túnel

Gabriela Leal, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

"A terra está tremendo" — é a analogia mobilizada por Édouard Glissant ao propor o pensamento de tremor como forma de mover-se na instabilidade do mundo sem sucumbir à vertigem ou ao desencanto. A partir desta imagem, especulo sobre o tremor no evento Hip Hop no Túnel (Ferraz de Vasconcelos-SP, 2023) e, mais especificamente, nas performances de duas rappers de gerações distintas — Sharylaine e Gattuza. Entre tremor e especulação, rimas e batidas, um regime de conhecimento (re)afirma sua presença, articulando saberes da despossessão e da liberdade. O túnel, enquanto lugar e alegoria, transforma-se ele mesmo em tremor, imaginação e prefiguração.

Título a Definir

António Brito Guterres, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Resumo a definir